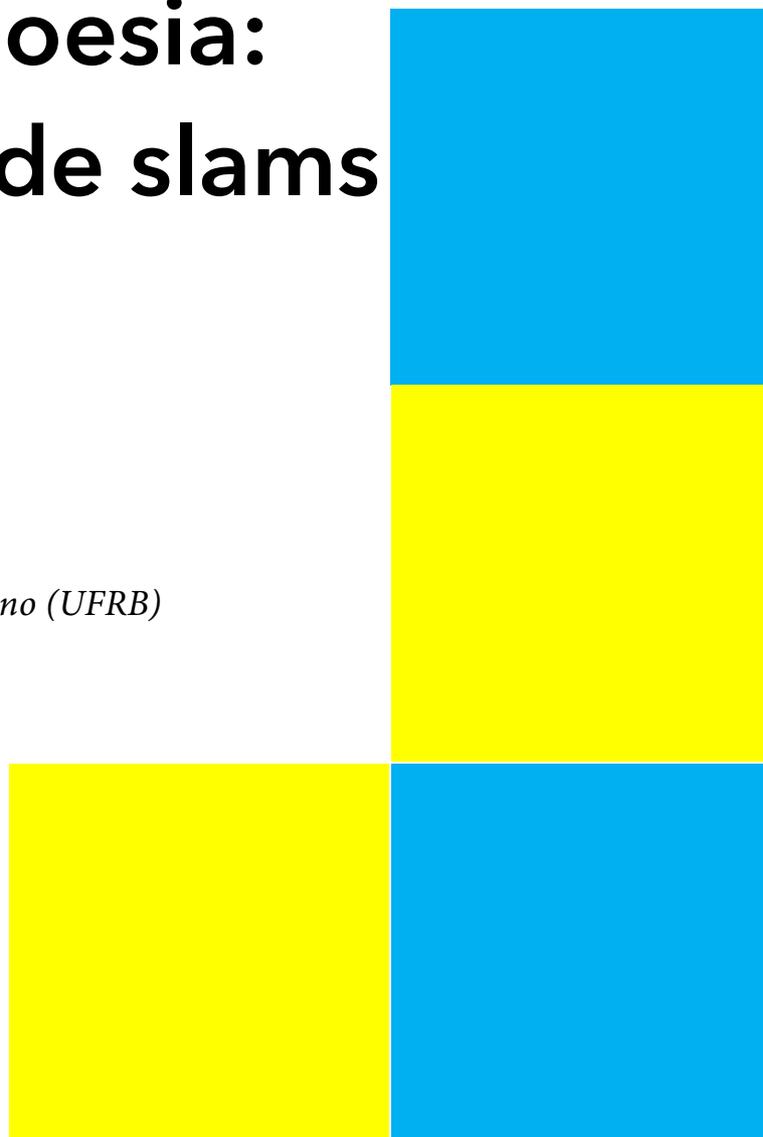


Narrativas e mediações em batalhas de poesia: experiências de slams em Salvador

Danielle Marcia Hachmann de
Lacerda da Gama

*Mestre em ciências sociais pela
Universidade Federal do Recôncavo baiano (UFRB)*



Resumo: Criadas nos Estados Unidos em 1986 e trazidas para o Brasil em 2008, as batalhas conhecidas como *slams* têm se espalhado pelo país na forma de competições de poemas autorais, em que poetas e público se reúnem para dizer e ouvir poesias. Tais eventos buscam criar espaços democráticos de expressão e têm sido promovidos em locais periféricos de centros urbanos. Este artigo traz considerações que se baseiam em nossa pesquisa de mestrado, em que acompanhamos o cenário do *slam* na cidade de Salvador/Bahia, durante os anos de 2017 e 2018. A pesquisa utilizou-se da descrição etnográfica, através de observação participante e entrevistas semiestruturadas. Neste texto, buscamos refletir sobre como os atores do *slam* em Salvador comunicam e socializam suas vivências através das batalhas de poesia e como os *slams* potencializam as vozes de sujeitos de grupos marginalizados, através da construção e compartilhamento de narrativas outras, para si e para o lugar onde vivem. Para isso, propomos analisar discursos construídos nos textos poéticos destes sujeitos e em suas falas a respeito do *slam*, apoiando-nos nos conceitos de narrativa (Benjamin, 1994) e de mediações (Martín-Barbero, 1997). É possível observar que o *slam* em Salvador está engajado a questões de afirmação da identidade étnico-racial negra e integrado a outras manifestações culturais de mesmo foco, nas quais seus atores transitam, além da valorização de identidades minoritárias como de mulheres e pessoas LGBTQ+. Há uma intenção, presente em seus textos e suas falas, de provocar debate, no que se pode chamar de “tráfico de informação”.

Palavras-Chave: Slam. Periferias. Salvador. Narrativas. Mediações.

Abstract: Created in the USA in 1986 and brought to Brazil in 2008, the battles known as slams have been spread throughout the country in the form of competitions of authorial poems, in which poets and public gather to say and to listen to poetry. These events search to create democratic spaces of expression and they have been promoted in peripheral locations in urban centers. This essay brings considerations that are based in our just concluded master research, in which we have accompanied the scene of slam in the city of Salvador/Bahia, during the years of 2017 and 2018. The research used ethnographic description, by means of participant observation and semi-structured interviews. In this text, we aim to reflect about how the actors of slam in Salvador communicate and socialize their experiences through the poetry battles and how slams enhance the voices of subjects of marginalized groups, through the construction and sharing of other narratives, to themselves and to the place where they live. To do so, we propose to analyze discourses built up in the poetic texts of these subjects and in their speeches about slam, leaning on the concepts of narrative (Benjamin, 1994) and of mediations (Martín-Barbero, 1997). It is possible to observe that slam in Salvador is engaged to questions of affirmation of black ethnic-racial identity and it is integrated to other cultural manifestations of same focus, in which its actors transit, as wells as to the valorization of minority identities such as of women and LGBTQ+. There is an intention, present in their texts and in their speeches, of provoking debate, in what can be called of “information trafficking”.

Keywords: Slam. Outskirts. Salvador. Narratives. Mediations.

Introdução

O assombro com o fato de que os episódios que vivemos no século XX ‘ainda’ sejam possíveis, não é um assombro filosófico. Ele não gera nenhum conhecimento, a não ser o conhecimento de que a concepção de história da qual emana semelhante assombro é insustentável.

Walter Benjamin

Slams são batalhas de poesia que buscam provocar espaços democráticos de expressão e, no Brasil, como em outros locais do mundo, têm sido em geral promovidos em locais periféricos de centros urbanos, onde mais se percebem carências da população em termos de investimentos e políticas públicas. Criado nos EUA em 1986, o *slam* foi trazido para o Brasil em 2008, através do grupo ZAP! Zona Autônoma da Palavra, de São Paulo, tendo hoje se espalhado por todo o país. As batalhas constituem eventos em que poetas e público se reúnem para declamar e ouvir poesias, a fim de que um júri, escolhido em geral na hora do evento, dentre os participantes do público, escolha o melhor poeta (*slammer*). Qualquer pessoa pode se inscrever para declamar, sendo exigido apenas que o poema seja de sua própria autoria. Nos eventos percebem-se intensos intercâmbios e diálogos entre poetas e público, este que participa com comentários, aplausos efusivos, demonstrações de apoio e admiração.

Por seu caráter aberto, o *slam* atrai fortemente públicos periféricos e marginalizados, públicos que incorporam (ou ressignificam) o gosto pela fruição e produção poéticas. A interação entre poeta e público, e a exigência de autoria dos textos recitados, promovem narrativas de si, pela autorrepresentação, mas também a filiação a narrativas coletivas, pelo encontro que se dá na performance poética. Inseridos em um contexto que abriga saraus de periferias e a literatura chamada marginal ou periférica, os *slams* têm se apresentado como espaços abertos à expressão poética de autores que vêm e falam de suas experiências de vida na cidade, pautando discursos e celebrando vozes que são muitas vezes negligenciadas em outros espaços.

Este artigo traz considerações que se baseiam em nossa pesquisa de mestrado desenvolvida na cena de *slams* de Salvador/BA, intitulada “A voz e a vez de dizer: batalhas de poesia em comunidades de periferias de Salvador/BA”, em que acompanhamos o cenário do *slam* nessa capital, durante os anos de 2017 e 2018. A pesquisa utilizou-se da descrição etnográfica, através da observação participante e entrevistas semiestruturadas.

Para isso, participamos de seis competições de *slam* no bairro de Novo Horizonte/Sussuarana, e duas no bairro Cabula, ambos na cidade de Salvador, e uma competição na cidade de Camaçari, região metropolitana de Salvador, totalizando nove eventos. Além disso, participamos de diversos momentos envolvendo participantes destes *slams*, como saraus e rodas de conversa, e realizamos entrevistas com *slammers* que nos apoiaram na compreensão dos dados recolhidos.

Observa-se que, em Salvador, os atores do *slam* estão envolvidos em uma cena maior artística e de ativismo cultural, e compartilham vivências de opressão e desigualdade que atingem o povo negro nas periferias da capital, temas que narram e questionam em suas performances. Além da valorização de temáticas de contorno étnico-racial, os *slams* têm abrigado lutas de identidades sociais minoritárias como de mulheres e LGBTQ+. Consideramos, assim, que as batalhas valorizam as periferias não apenas geográficas, mas marginalidades para além das espacialidades territoriais. A escrita destes autores é periférica, e fala a partir de lugares geográficos e sociais usualmente demarcados com sinais negativos nas narrativas hegemônicas vigentes.

A partir de discursos colhidos dos textos poéticos e de falas ouvidas durante a pesquisa, propomos aqui refletir sobre as batalhas de poesia como processos pelos quais os atores do *slam* em Salvador comunicam e socializam suas vivências, construindo e compartilhando, através de narrativas outras, suas histórias em comum.

Narrando a cidade – pegando a visão

Durante nossa pesquisa, acompanhamos por dois anos as atividades do Slam da Onça, promovido no bairro Novo Horizonte, em Sussuarana¹, região periférica de Salvador. Sussuarana é um bairro de maioria negra e os participantes dos saraus e do *slam* promovidos ali transitam por atividades e movimentos socioculturais que se vinculam à afirmação da identidade e cultura negras na capital. Muitos deles participam de outros movimentos artísticos urbanos como a declamação de poesias em ônibus coletivos e batalhas de rap. O Slam da Onça foi criado ali em 2014, pelo grupo que promovia desde 2011 o Sarau da Onça, primeiro sarau de periferia em Salvador. Os dois acontecem no mesmo local, o anfiteatro Abdias Nascimento, no Centro de Pastoral Afro (Cenpah) de Novo Horizonte.

1 O bairro Sussuarana é subdividido em Nova Sussuarana, Sussuarana Velha e Novo Horizonte.

Um dos idealizadores do sarau e criador do *slam* da Onça, Sandro Sussuarana, recorda que um dos motivos para a criação do sarau por moradores do bairro foi a oportunidade de falarem por si próprios sobre si e sobre seu lugar. O estopim foi uma notícia divulgada pela imprensa apontando Sussuarana como o 3º bairro mais violento da cidade, com 23 mortes em um fim de semana. Morando ali, eles não viam isso.

Sandro: A gente sempre soube que a Sussuarana era um bairro de produção cultural muito forte, porque lá tem muitos grupos culturais, grupos de capoeira, de teatro, grupos de rap, grupos de dança, enfim, uma infinidade de grupos culturais na comunidade, de percussão e tudo mais, e a gente nunca via esses grupos culturais na mídia, nem no jornal, nem rádio, nem televisão, nem lugar nenhum. E todas as vezes que nós víamos a nossa comunidade passar na televisão, ou em qualquer jornal sempre foi falando da questão do tráfico, da morte, e tal. (...) eu falei assim, gente, não é possível que a gente não possa fazer nada pra mudar isso, né, e aí foi depois já de eu ter conhecido o Sarau Bem Black², e eu já estar atuando dentro do Juventude Negra Pela Paz, já há 4 anos, que a gente pegou e falou, não, vamo' fazer, e a proposta foi essa do Sarau da Onça, de trazer esses grupos culturais, e falar assim, galera, vamos dialogar aqui de forma positiva sobre a nossa comunidade. Já que eles não vão vir falar sobre a nossa comunidade bem, a gente vai sair falando dela (Trecho de entrevista – 30/06/2018). (GAMA, 2019, p. 100).

Embora o tema da violência seja também constante nas narrativas do *slam*, interessa a estes sujeitos subverter discursos sobre ela, falando a partir de outra perspectiva: a perspectiva daqueles que sofrem violências e barreiras vindas de fora, impostas por ações ou omissões governamentais, pela violência, física ou simbólica, dirigida a populações de periferias (em suas narrativas, perpetradas por instituições como a polícia ou a mídia), por desigualdades sociais, pelo racismo firmemente encrustado na sociedade; e daqueles que lutam cotidianamente contra estes limites criando alternativas e potências. Ainda tomando as palavras de Sandro: “Então, a gente vai parar com esse discurso de que a Sussuarana é um bairro perigoso, a gente vai parar de falar que aqui só tem tráfico, a gente vai começar a falar as coisas boas que têm na comunidade. Porque tráfico, droga, morte tem em todo lugar” (Trecho de entrevista – 30/06/2018) (GAMA, 2019, p. 100). E, entre as coisas boas criadas na comunidade, a poesia – também considerada nas letras de rap – tem papel fundamental. Um exemplo desse cenário difuso está no poema “É daqui que vim”, de Renildo Santos:

² Sarau que acontecia no Pelourinho, centro histórico de Salvador.

Vivi em meio a crime, vi vários cair / E ainda hoje vejo vários se iludir. / Quase me iludi, mas o rap me salvou / Antes do crime, a poesia me abraçou / Me senti vivo / Passei me orgulhar / E hoje a Onça que é meu bom lugar. / Domingo, feriado / Cerveja, churrasco / De quina dando uns trago / Os pivete com rádio / Ligado em tudo, medindo cada passo, / Castelando / pronto pra trocar com os cara do outro lado. / Alguns encarcerado / Pela própria mente, / Mas sonhando em ter um futuro diferente. / Mas independente disso tudo / Sufoco, pipoco, os loko que tão solto / não tem paisagem mais bela do que as casa sem reboco... (Trecho de “É daqui que vim”, publicado no livro “Poéticas Periféricas – novas vozes da poesia soteropolitana”, 2018, p. 130 e recitado no Slam da Onça em 29/09/2018)³.

O *slammer* conta de um cenário em que cabem os meninos envolvidos no tráfico de entorpecentes, os momentos de convivência na comunidade e a poesia, apontada como o caminho que o salvou de uma possível vida no crime. Como cabem estes aspectos todos no lugar real que narra, com suas incoerências e fluidez. O poeta declara orgulho e afirma a beleza da paisagem do lugar onde vive. E o diz porque vive ali, o que simboliza a importância de o narrador, na figura do poeta de *slam*, contar sobre o que vive e sobre o que vê, respondendo com sua fala e corpo ao que sobre isso contam os outros. O *slammer* constitui assim um narrador que caminha a cidade e conta sua comunidade por dentro. Assim afirma Benjamin: “‘Quem viaja tem muito que contar’, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições” (1987, p. 198-199).

Este narrador também une sua narrativa às de seus pares e às da memória de seu lugar: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1987, p. 201). Os textos produzidos se desdobram na performance da batalha, tornando-se coletivos, no sentido de que o público a eles responde com afirmações e confirmações, porque falam de realidades ali vividas em comum. Assim, a narrativa que é individual (o poema do *slam* é sempre autoral) torna-se uma narrativa coletiva. Neste movimento, tais narrativas tornam-se visíveis transbordando o momento e lugar das batalhas – através da produção de eventos literários, publicação de livros e vídeos de poesias, e do trânsito de seus atores pela cidade para compartilhar as narrativas político-poéticas, em novas “partilhas do sensível” (RANCIÈRE, 2005).

³ Na versão recitada Renildo usou “Sussuarana que é meu bom lugar”.

Por este alcance, e nos modos como se tem construído, junto a movimentos de ativismo poético e militância, no *slam* uma poesia não deve ser inofensiva. Sua função vai além da emotiva, ocupa-se da retórica, da argumentação que busca convencer e aconselhar o público, pares a quem se quer afetar, ou denunciar realidades contra as quais se busca união. Como na fala do *slammer* Carlos Menezes (Mestre Aedo), da Sussuarana:

Carlos: E realmente, essa forma de a gente escrever e a gente compartilhar conhecimento, porque só escrever não é o bastante, a gente tem que compartilhar, a gente tem que resgatar os nossos, trazer pro combate, e aumentar o nosso exército porque acho que a melhor forma da gente combater esses problemas é a gente se municiando de informação real. É trazer informação, conhecimento pro nosso povo, pra que eles saibam não só os problemas que eles ‘tão lidando, mas como reagir a esses problemas sem precisar se rebaixar... (Trecho de entrevista – 29/09/2018). (GAMA, 2019, p.159).

Em muitos poemas nos *slams* há essa nítida intenção de “passar um recado”, muito significada na expressão, popular na Bahia, “Pega Visão” (que também dá nome a um coletivo que promove batalhas de rap em Sussuarana). A expressão é um chamamento, pede atenção do público, para um discurso que quer provocar sua consciência, promover reflexão e mudança. Isto deve se dar através de suas armas – suas palavras.

Como exemplo, apontamos o poema declamado por Elton Henrique, no Slam da Onça em setembro de 2018. Sobre sua performance, descrevemos:

Elton Henrique, do bairro de Mata Escura, próximo de Sussuarana, também de pés descalços, bermuda jeans, camiseta esportiva sem manga, corrente prateada no pescoço, assim disparou seu poema, como se contasse algo e “trocasse ideia” com o público, com gírias e uma ginga muito próprias de rapaz da quebrada (...). (GAMA, 2019, p.157).

A seguir reproduzimos seu poema. Junto aos versos, registramos, em itálico, a descrição dos gestos feitos pelo *slammer* na performance. Diz-nos Benjamin que a narração “em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito” (1987, p. 220-221):

Acendo o cigarro e a mente apaga *gesto de tragar um baseado / pa pa! aponta com uma das mãos em forma de revólver, para um lado – pa! – e para o outro – pa! em direção a um alvo invisível em posição inferior / na madrugada / mais um / ou menos um / na favela / morto bem ali / pega a visão, ó / naquela escada aponta para uma suposta escada em meio à arquibancada, como quem comenta*

um acontecido suspeito / apago o cigarro e a mente volta as mãos ao lado do rosto, a voz com um tom de aflição / Volta! as mãos se transferem para uma concha na boca, gesto de chamado / gritou a mãe / só que esse aí / já tá longe, tia / solta o som / enquanto nós faz o passinho da maloka em referência ao funk, Passinho dos Maloka, ergue as mãos e as balança, também no que se assemelha a duas pistolas / e segue o baile / e o cego, em Braille / já consegue enxergar / quem são os de verdade / estão aqui / ao meu lado aponta para os que estariam ao seu redor, inclusive com as mãos abrangendo o público / agora abaixa esse som / que só faz aumentar a fúria (T.P.⁴) / Joga, joga, joga, joga... joga com nós cantarola, em referência a um pagode / lá os pivete têm três oito “guarda” uma arma na cintura / e nós aqui tentando trocar só com a voz gesticula com a mão perto da boca indo e voltando simbolizando um diálogo / ‘Cês tão cortando, né? / enquanto eu continuo aqui, porra bate no peito / só me importando / lutando dia após dia / pra abrir as mente / e quando eu percebo / as portas pra mim estão se fechando cruza as duas mãos, fechando-as à frente do rosto/ ô, fulano / é zero hora / o fulano zerou as hora / saiu, bebeu, cheirou e.../ acabou a história / han, eita final sem graça / era só lembrar, porra! Se exalta / que aquele (T.P.) / não era de graça / era de Juliano, era de Carlos, era de Fernando enumera nos dedos / era de tanta... gente / e no final a sua vida vale um quilo de um tal pozinho branco / só que essa história / vai ficando cada vez mais louca apontando para o público como se a chamar sua atenção / porque o cara que cheirava pra caralho coça o nariz / não foi morto pelo nariz / foi morto pela boca com os dois braços “porta” um fuzil, e dá passos em direção ao público, como quem “chega atirando” / e nessa boca aí não tem pasta que dê jeito / só com os PM, né / que são os dentistas da favela / e com 32 dentes na sua boca / eles só perfura os que são preto mais uma vez com o “fuzil” nas mãos, agora com uma “rajada de tiros”, balança os braços firmemente nesse gesto / esses aí não podem fazer parte / da arcada dentária / só da arcada senzala / pra toma cada porrada! gesto com uma das mãos, de ameaçar bater, já com fúria / E a mãe desse tal sujeito / que vivia reclamando que não tinha dinheiro pra comprar nada / descobriu quando o filho morreu / que ele ostentava / e que tinha até / aspirador de pó dentro de casa gesto de cheirar / me fode! / até nessas horas é o branco que mata é o preto que morre! Se expressa com fúria / e nem adianta tentar / que essa desgraça te domina / e o dominado do momento foi um tal de Coca / filho de quem? Pergunta ao público / filho de Nina (Elton Enrique – Poema recitado no Slam da Onça – 29/09/2018) (GAMA, 2019, p. 158).

Em sua narrativa o *slammer* denuncia uma violência que vem da polícia, que “só perfura os que são preto”, mas também a violência de uma cidade desigual, da falta de perspectivas, simbolizada em seu argumento contra o tráfico, contra o que ele tenta combater com sua arma – suas palavras, seu convencimento: “lá os pivete tem três oito / e nós aqui tentando trocar só com a voz”. Mas, continua, enquanto ele está “aqui, (...) lutando dia após dia para abrir as mentes”, as portas também para ele estão se fechando. Uma narrativa bastante comum nos poemas de *slam*, que se constitui na busca de

4 Os poemas foram transcritos através dos registros em vídeo feitos em uma pequena câmera fotográfica. Para os versos ou palavras que, no processo de transcrição, não foram possíveis de compreensão, apontamos o sinal T.P. – trecho prejudicado.

perspectivas de vida por meio da educação e da cultura, em substituição ao aceno do tráfico no recrutamento dos jovens.

Recontar a cidade – Traficando informação

Em performance na primeira edição do Slam Deixa Acontecer, promovido na Sussuarana Velha no ano de 2017, Fabiana Lima declamou um poema que trazemos a seguir⁵. Na performance, Fabiana usa uma camiseta com os dizeres “Tem poesia na minha cabeça”. A *slammer* recita com vigor, em alguns momentos perde o controle da voz, exaltando-se, defendendo seus pontos de vista. Esta foi nossa transcrição, com a descrição de seus gestos e movimentos corporais:

Polícia racista, polícia racista, polícia que mata / Polícia racista, polícia racista / são porcos de farda / Se a Rondesp é que lhe pega / É caixão e vela / Se a Rotamo⁶ lhe enquadrar / Você vai rodar *e repete os primeiros dois versos – esta primeira parte é cantada, ela se movimenta em suspense mirando o público em tom ameaçador* / Autorizados pra matar / pelo Estado legitimado / invadem os barracos / com preconceito fardados / Impulsionado pela TV / que é do deputado / e tem uma mente de quem / vive em condomínios fechados / Me digam – como chega arma na comunidade? / A munição, o colete, a cocaína e o crack? / Quem financia? / Quem autoriza? / Quem ‘tá na pista? *olha de frente um rapaz e lhe aponta* / e quem tá na (T.P.) / Se perguntarem por que / branco de classe média / quando aparece traficando / ‘Ah, é só jovem de classe média’ / Mas usuário tipo nós assim, da comunidade / é estampado ‘traficante’, eu sei / A mídia é covarde / Disparos propositais / versões oficiais / T.P. *equivalente a 3 versos* / a elite branca lucra mais / com a mãe preta que não tem paz / O racismo mata *aponta para a própria cabeça* / o racismo mata *aponta com a outra mão para a própria cabeça* / Pena de morte no Brasil / já vem sendo aplicada / sendo em plena luz do dia / ou de madrugada / invadindo a quebrada *mete-se meio ao público* / descarregando suas armas / O chefe do esquadrão da morte, / nosso governador, / diz que foi goleada / Encurrallaram, meteram bala / julgaram pela aparência / e nos registros alegaram / ‘Auto de resistência’ *ergue as mãos atrás da nuca* / Jovens negros / mortos por arma de fogo / triplica / Os brancos / cai um terço! *começa um clímax, ela desce, bate com as mãos no chão, o tom de voz fica mais e mais feroz* / Me explica! / Associa o tráfico / T.P. *equivalente a 3 versos* / Mesmo viva a mãe / também se vai / A lembrança é um fantasma / que não se esvai *respiração parece ofegar enquanto o clima se torna mais tenso, reduz o tom da voz* / O que foi que eu fiz...? / o que foi que eu fiz...? / Por que atiraram em mim...? / Por que atiraram em mim...? *como um corpo atingido, cambaleante, se pergunta, mira o chão, passa as mãos no rosto, no ventre, e enfim explode* / Parem de atirar em nós!!! / Parem de atirar em nós!!!

5 O vídeo pode ser assistido em <https://www.youtube.com/watch?v=P0gwwYb05ZY>. Acesso em 30 set. 2019.

6 Rondas Táticas Motorizadas (Rotamo) é o “radiopatrulhamento realizado pelo Batalhão de Polícia do Choque, através de viaturas de maior porte, com guarnições e equipamentos reforçados, tendo como área de atuação todo o Estado da Bahia”; Rondas Especiais (Rondesp) é o “radiopatrulhamento realizado pela RONDESP, subunidade do Comando de Policiamento da Capital, através de viaturas de maior porte, com guarnições e equipamentos reforçados, cuja área de atuação restringe-se à Capital”. Fonte: http://www.pm.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=445&Itemid=533. Acesso em 15 jun. 2019.

/ Eu sou mulher preta *bate no próprio peito com força* / que vem do gueto / e recito em uma só voz! / Porcos fardados que entram nas favelas / e que nos matam / Menino favelado / morto na calada / Bala acerta corpo preto, corpo preto! *puxa a própria camiseta* / dilacerando famílias / Sem o menor direito / eles são uma quadrilha / Encarceram nossa população / nos trata como bicho, ó, desde a escravidão / Pra eles nunca tivemos alma / Mas, viemos de África *o tom de voz recupera a calma, soberano* / Poder da Ancestralidade / Nós viemos de África / Mesmo que o estado critique ou / a cada corpo no canal / Eu, você, nós / Seremos a resistência marginal! / O racismo mata! (GAMA, 2019, p. 176-177).

Ao fim, a *slammer* se joga no chão como um corpo abatido. Em toda sua narrativa, Fabiana expressa profunda exaustão e sofrimento. Em seu poema ela conta a história que vivencia, e a conta de forma diferente do que contam a polícia, os políticos, a mídia, as versões oficiais. Quem melhor e tão intensamente pode contar sua história? Diz-nos Benjamin que a narrativa

não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (1987, p. 205).

Expressos de modo tão contundente, os sentimentos dos *slammers* são reconhecidos pelo público como também seus, quando tratam de dores e opressões que o afetam como sujeitos estigmatizados. Ao abordar o folhetim, gênero literário popular, Martín-Barbero comenta:

Nos porões do castelo gótico o folhetim encontra o corredor que conduz aos subúrbios da cidade moderna. Ali o leitor popular se reencontra com um sentimento fundamental: *o medo*, ao mesmo tempo como *experiência da violência* que ameaça permanentemente a vítima – que o leitor popular conhece tão bem – e como *esperança de revanche*, como ressentimento e sede de vingança (1997, p. 185, grifos do autor).

Podemos de imediato ligar estes sentimentos aos discursos do *slam*: a experiência da violência e, muito mais que o medo, a esperança de revanche, simbolizada pela exigência, pela autoafirmação deste povo. Nas palavras de Fabiana: “eu sou mulher preta que vem do gueto e recito em uma só voz”. Essa exigência dá sentido a muito da batalha.

Uma batalha que é travada na própria forma de construção de seu discurso, a começar pelo ambiente em que suas histórias são narradas. Os cenários onde acontecem os *slams* são praças públicas, bares em periferias, palcos abertos onde se declama muitas

vezes de pés no chão. E a forma com que se narra, muitas vezes “apontando” as palavras e as mãos em riste como armas, em ritmos incandescentes lembrando a fala densamente compassada do rap, reproduz um campo de combate. Como um “poema transformado em protesto”⁷, a performance no *slam* nos dá a imagem “da massa entre a taberna e a barricada” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 77), traduzida aqui a taberna nos bares, praças ou quadras poliesportivas de bairro... Tudo na batalha comunica enfrentamentos:

O popular se expressa também na *ambientação* – variando entre a esquina do bairro, o beco do quarteirão ou o botequim, com sua clara carga de violência, e os interiores da casa, a saleta com flores artificiais – e sobretudo na linguagem, no *palavreado*, que é a palavra convertida em arma e instrumento de revanche, estratégia que, ao confundir o adversário, desarma-o [...].É a revanche contra uma ordem do mundo que os exclui e os humilha e contra a qual as pessoas do povo se confrontam, desorganizando o tecido simbólico que articula essa ordem (*idem*, 1997, p. 319-320).

A ideia dessa “desorganização” é trazida por outros autores. Matos, que estudou, em sua pesquisa de mestrado, textos escritos em diários produzidos por jovens de periferias, recupera em sua análise conceitos de Rancière, destacando o sentido da escrita como operação política (MATOS, 2012). Nessa direção, a autora aponta para os efeitos da produção e visibilização destes escritos:

O caráter político, destacado pelo autor, é uma consideração importante e vai nos ajudar a compreender como a escrita dos jovens, materializada nos Diários, pode ser uma forma de contrapor, ou *desorganizar*, aquilo que ele identifica por “palavra soberana”, que podemos entender como as forças discursivas de caráter hegemônico (MATOS, 2012, p.8, grifo nosso).

Considerando as batalhas como processos comunicativos, e que “a comunicação se tornou para nós questão de *mediações* mais que de meios, questão de *cultura* e, portanto, não só de conhecimentos, mas de re-conhecimento” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 16, grifos do autor), os *slammers* tornam-se mediadores nesta arena de lutas discursivas, ao difundir suas contranarrativas a fim de construir e provocar re-conhecimentos: aqui, significamos re-conhecimento como valorização de si, o sentimento de pertença e estima; a demanda pelo reconhecimento de seus valores por parte da

7 “Baudelaire sente que pela taberna, por ‘sua emanção’, passa uma experiência fundamental dos oprimidos, de suas ilusões e sua cólera. E isso Benjamin descobre no poema transformado em protesto contra o puritanismo dos temas e da beleza estúpida das palavras, na busca de outra linguagem, de outro idioma: o da massa entre a taberna e a barricada” (Martín-Barbero, 1997, p. 77).

sociedade; e a provocação do “re-conhecer” realidades – suas novas ordens possíveis. Nesse sentido, há uma intenção, percebida nas conversas que travamos com os poetas e em seus textos, de provocar debates, de “desorganizar” discursos, de “escovar a história a contrapelo” (BENJAMIN, 1987, p. 225), ao que aqui nos referimos como “tráfico de informação”.

A expressão, usada nas cenas do rap e do *slam*, subverte um sinal negativo, o transforma em uma potência, como nos explicou Kuma França, *slammer* de Cajazeiras, bairro periférico de Salvador, que foi campeão do circuito estadual Slam Bahia no ano de 2017:

Kuma: A gente é marginalizado, né, estereotipicamente falando, a gente é marginalizado, então se eu passar eu vou ser lido como traficante, então aí eu assumo esse papel, né, sou traficante, sim, mas eu trafico informação (Trecho de entrevista – 18/11/2018). (GAMA, 2019, p. 160)

Uma narrativa com frequência acionada pelos *slammers* em Salvador é o caso da Chacina do Cabula, ocorrida em 2015, quando 12 jovens negros foram mortos pela polícia, em uma comunidade de nome Vila Moisés, naquele bairro. À época, os policiais alegaram legítima defesa, mas laudos do Ministério Público apontaram vários indícios de execução sumária. O caso, ainda em julgamento, ganhou grande repercussão⁸. Segue-se o trecho de um poema que costuma ser recitado pelo organizador do Slam da Onça, Sandro Sussuarana, que coloca em xeque a questão:

Porque a hipocrisia daqui rima com as mãos do Cabula que estão em prantos /
Porque não tem conforto que vá reparar todos esses corpos furados de bala /
Não quero tapinhas nas costas, nem que venham me abraçar / Quero é que
parem de nos matar / De justificar assassinato com tiro acidental / Porque na
periferia pode, né? é normal.

O poeta termina conclamando seus pares:

Já passou da hora de a gente se informar / De entender que ser malandro
mesmo é estudar / deixar os racistas com raiva e se formar / Esfregar o diploma
na cara deles e gritar / Que a revolução não será com armas / Será com papel,
caneta e a favela toda graduada! (Trecho de “Favela Graduada”, publicado no
livro “Poéticas periféricas...”, 2018, p. 136-137).

8 Algumas matérias da época a respeito estão nos links: <http://g1.globo.com/bahia/noticia/2015/02/sobe-para-13-numero-de-mortos-em-tirroteio-com-pm-em-salvador.html> e <https://correionago.com.br/portal/chacina-do-cabula-laudos-indicam-que-houve-execucao/>.

Assim pode ser considerado o “tráfico de informação”. Para Benjamin, a verdadeira narrativa tem sempre uma dimensão utilitária, que pode ser um ensinamento, uma sugestão, enfim, “o narrador é um homem que sabe dar conselhos (...). Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada” (1987, p. 200). Para os sujeitos no *slam*, é preciso contar e fazer ouvir outras narrativas, as daquele lugar, a partir de quem ali vive – de quem convive com as mães que estão em prantos. E a partir das mães, irmãos, amigos em prantos. Contar uma versão diferente daquela que aceita o tiro acidental, que só ocorre impunemente em certas partes da cidade. Mas não só. É preciso, também, mediar a continuação desta história: se informar, estudar, e arrancar firme do papel e da caneta as linhas de sua revolução.

Considerações Finais

Os *slams*, acontecendo nas periferias de Salvador, têm se configurado em espaços em que sujeitos comunicam e socializam suas experiências, através da expressão e performance poéticas. Seus poemas tematizam seu cotidiano, e pretendem aconselhar, ensinar, mediando informações em suas comunidades, através da narrativa de suas vivências.

Assim, as batalhas de poesias potencializam a voz e a escuta destes sujeitos, quer sejam habitantes de periferias ou pessoas de identidades socialmente marginalizadas. Através das batalhas, buscam contar outras histórias, contra aquelas propagadas na cidade que historicamente os limita e exclui.

Os poetas constroem, nas batalhas, arenas de luta em que afirmam seus pontos de vista, a fim de subverter narrativas hegemônicas e visibilizar as suas próprias narrativas. Trata-se da importância de que eles possam interferir no que se fala sobre suas experiências e territórios, e de que possam eles mesmos falar delas. Mais além, os *slammers* promovem um “tráfico de informação”, dirigindo-se a suas próprias comunidades para aconselhar e repassar informações e denúncias, conclamando-as à luta. Visibilizando suas narrativas, realizam mediações que convocam re-conhecimentos – reconhecer-se com autoafirmação e estima, e dar a conhecer narrativas outras que se

contrapõem às representações equivocadas, e muitas vezes desumanizadas, de instituições e da sociedade a seu respeito.

No *slam*, assim, cabe o potencial de se repensar a história. De desorganizá-la com contranarrativas que não apenas contrariam, mas disputam e reinscrevem sentidos. Através destas narrativas, seus atores providenciam, nos termos de Benjamin, “escovar a história a contrapelo”, forjando de palavras, calcadas em suas vivências, as vivências mais plenas a que aspiram.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, W. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras Escolhidas, vol. 1, Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221. Disponível em https://monoskop.org/images/3/32/Benjamin_Walter_Obras_escolhidas_1.pdf. Acesso em 12 ago. 2019.

_____. Sobre o conceito da História. In: **Obras Escolhidas, vol. 1, Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232. Disponível em https://monoskop.org/images/3/32/Benjamin_Walter_Obras_escolhidas_1.pdf. Acesso em 28 set. 2019.

GAMA, D. **A voz e a vez de dizer: batalhas de poesia em comunidades de periferias de Salvador/BA**. 2019. 250 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2019.

JESUS, V. (Org.). **Poéticas periféricas: novas vozes da poesia soteropolitana**. Vitória da Conquista: Galinha Pulando, 2018.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997. Disponível em <https://notamanuscrita.files.wordpress.com/2014/08/jesus-martin-barbero-dos-meios-as-mediacao3a7c3b5es.pdf>. Acesso em 12 ago. 2019.

MATOS, D. Entre Diários e Mapas: modos de apreensão das práticas juvenis. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, XXXV, 2012. Fortaleza, Ceará. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom Nacional, 2012. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1862-1.pdf>. Acesso em 12 ago. 2019.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.; Ed. 34, 2005. Disponível em <https://docero.com.br/doc/xnv8c0>.